

Crônica: Gás e Água

Sandra Nisseli ¹

¹ estudante da Unip, curso Letras Português Inglês, sandrabassnisseli@hotmail.com

Itapetininga 01 de junho de 2016

Gás e Água

Vem vento, trapo, rato e até a louça suja ficaram guardados no pensamento de Calango, viajou e deixou tudo por fazer, as roupas para tirar do varal e a ração da gata.

Agora ele se sentia livre para pensar em suas coisas, sua vida desajustada e na sua gata, que vez por outra extrapolava em seus desejos gatunos e fugia. Calango pensou, torceu, gemeu a barriga de fome, segurou seu estômago com as mãos bem abertas, como se ali fosse se esparramar a sua fome, mas a cidade era estranha. Ainda de pé, na rodoviária, se viu tentado a cair no velho clichê da coxinha, mas se conteve, seguiu até a barraca amarela a sua direita, viu o movimento maior de pessoas ali e pensou “a comida deve ser boa”, e ali tinham cuias e palitos de dente sobre o balcão, e Calango, um tanto embaraçado disse:

- Quero um desse aí também!

Sem demora, lhe vieram camarões boiando na água amarelada com goma, tucupi e jambu. Ele comeu, saboreou e arrotou, mas algo lhe parecia fora de ordem, fora de sentido, sua boca estava dormente? Pensou logo ter sido envenenado, e esse pensamento lhe envenenou até a cólera, parou sisudo e cheio de pingos de suor na testa, cuspiu várias vezes até que conseguiu a atenção da freguesia, fitou-os e enquanto esperavam algum verbo, ele deu as costas, preferiu engolir os gerúndios, os infinitivos e os vocativos injuriosos, mesmo que dormentes em sua garganta.

Sua personalidade era submissa, não concordava com tudo, mas não tinha coragem de demonstrar isso, saiu vagando os passos tal qual chumbo em

areia fina, isso deixava claro para qualquer um que a vida lhe pesava, seguia, seguia em uma cidade desconhecida, via pessoas que pareciam imitações das pessoas que conhecia lá em Baixão do Colxo.

- O que vim fazer aqui?

Perguntava Calango para si mesmo e, em voz alta, esperando uma resposta do seu eu misterioso, mas esse infelizmente estava afônico, talvez por estar se sentindo pressionado em responder ou talvez porque Calango ainda não estivesse preparado para a resposta.

Rua ia, rua vinha e a animal civilidade das pessoas da cidade grande o intrigava. Seguiu mais um pouco e entrou à direita, ficou maravilhado em sentir que estava em perigo, sim tantas vezes ouvira que na cidade havia perigo, mas ele queria sentir, ver, como em um filme, as mazelas das grandes cidades.

Calango encurtou os passos, já pesados de outrora, a rua não tinha iluminação, já começava a se fazer noite e ela escurecia cada vez mais, dos muros que por ali havia só se viam resquícios de tijolos e mato, em uma rua dois enormes terrenos baldios. Calango parou no meio da rua e esperou o corajoso que se atreveria em importunar, logo que escutou uns estalos vindos do terreno a sua direita, sua macheza se esvaiu como água na peneira e se pôs a andar, cada vez mais rápido, vinham passos atrás dele, corre Calango cada vez mais, já sentindo as mãos finas e fedidas em seu ombro, até que, com um puxão, Calango cai e olha para a cara do indivíduo e diz:

- Pronto, já pegou... Agora corre que é a minha vez!

O homem aturdido, já preparado para o assalto, fingindo ter uma arma por debaixo da camisa pensou: “esse cara tá armado” e correu novamente para o mato de onde saiu.

Calango, sem entender, seguiu rumo àquele rumo do qual nem ele mesmo sabia o qual, inevitável chegar à praia, nunca tinha visto o mar. O mar balançava, sacudia sua imaginação, como nada o fizera antes, e via o mar lixando

o ar ou era o ar quem lixava as ondas? A lua sem respeito se embebedava do mar, logo ali ao fundo, da boca de Calango só saia:

- Que lindeza... Que lindeza!

Lembrou-se de sua gata e pensou logo que ela se apavoraria com tanta água e ainda mais essa água que ameaçava toda hora invadir a gente.

Andou, sentou, olhou...

- Foi isso que vim fazer aqui!

Estava tão maravilhado que o mar embebedou seus pensamentos, a ponto de engolir toda a sua submissão:

- O que estou esperando para me banhar nessa lindeza?

Pensou Calango, desaparecendo-se de sua submissão: será que estava à espera de uma ordem para entrar nesse mar de ninguém?

Entrou no mar, as águas lhe acariciavam os braços, o rosto, a palma das mãos, até lhe sorria de felicidade, seduzido; foi assim que se sentiu naquele momento, se deixou levar, sentiu que deveria se deixar e se deixou.

O mar engoliu seus pensamentos, seu corpo, aquele que já vagava por aí com falta de propósito.